

Brasil, Portugal, África

Conheci no Marrocos muitos africanos, brancos ou prêtos, que lá estavam exilados. Eram homens de Moçambique, de Angola, da Guiné e outros territórios portugueses, que procuravam a nossa Embaixada. Nunca os recebi em ocasiões oficiais, quando estava presente o embaixador de Portugal. Tive com êles, entretanto, repetidos contatos, e os atendi sempre que isso era possível e me parecia correto.

O que sobretudo êles procuravam eram revistas e livros do Brasil; mostravam uma admiração apaixonada pelo nosso País e pela nossa literatura e arte. Homens de língua português, mas banidos de qualquer convívio português porque lutavam pela libertação de seus países, êles se voltavam para o Brasil como a grande terra da liberdade e da esperança, uma espécie de Mãe Pátria nova de onde sonhavam receber compreensão e um apoio cultural e sentimental muito diferente da ajuda in-

teresseira que poderiam obter da Rússia ou dos Estados Unidos.

Entre êles havia estudantes secundários e superiores que não podiam mais continuar seus estudos. A essa altura já o Governo brasileiro concedera algumas bolsas a jovens africanos que haviam embarcado em Dacar. Sugeri, então, ao Itamarati, várias providências que me pareciam indicadas em relação aos territórios portugueses; insisti principalmente na conveniência de acolhermos o maior número possível de estudantes — talvez através de convites de universidades e não do Governo, para melhor preservar nossas relações com Lisboa. Eu acreditava que era do maior interesse para nós — e inclusive, ao longo dos tempos, do interesse de Portugal — manter e formar em nossa ambiência cultural e afetiva êsses moços que mais cedo ou mais tarde seriam os dirigentes de jovens nações livres.

Minha sugestão não levou a nenhuma providência prática; não consegui ajudar um só daqueles jovens a vir para o Brasil.

Felicito-me hoje por isto — com que alívio! Tenho lido notícias, sem desmentido, de que alguns daqueles moços que tinham vindo para nosso País em busca de um ambiente de liberdade e compreensão estão agora na cadeia. E alguns — a tanto chega o zêlo salazarista da Revolução — têm sido interrogados, na cadeia brasileira, pela polícia política portuguesa! Não sei se a nossa indignidade chegará ao ponto de mandá-los de presente a Lisboa — amarrados os pulsos com a mesma corda que serviu para enforcar o Tiradentes.

Não sou homem impressionável e não perco o sono nem o gôsto de viver com as torpezas da política nacional ou internacional. Se nasci neste *mondo cane*, procuro viver nêlo o melhor possível. Uma destas noites, porém, depois de ler a notícia de uma dessas prisões de africanos, revi, no entressonho, a face daqueles exilados de Marrocos, seus olhos que me fitavam e me interrogavam com ansiedade e esperança; e uma funda vergonha me punziu.

28/7/64